Amor e sexualidade

Coleção **Teologia em debate**

Coordenação: Ir. Maria Freire da Silva

- *O amor de Deus: teologia da redenção*, Valeriano dos Santos Costa
- *Teologia em debate: sobre o estatuto epistemológico da teologia*, Francisco de Aquino Júnior
- *Amor e sexualidade: reflexões a partir do Diário de Etty Hillesum*, Maicon André Malacarne

Maicon André Malacarne

AMOR E SEXUALIDADE

REFLEXÕES A PARTIR DO DIÁRIO DE ETTY HILLESUM

"Tentarei integrar tudo em mim"

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Assistente editorial
Cristiane Barbosa Cardoso

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Preparação do original
Tatianne Francisquetti

Coordenação de *design* e capa
Elisa Zuigeber

Diagramação
Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Malacarne, Maicon André
Amor e sexualidade : reflexões a partir do Diário de Etty Hillesum: "Tentarei integrar tudo em mim" / Maicon André Malacarne. – São Paulo: Paulus, 2024.
(Coleção Teologia em debate)

ISBN 978-85-349-5435-8

1. Amor 2. Sexualidade 3. Teologia 4. Hillesum, Etty, 1914-1942 I. Título II. Série

24-2020 CDD 128.46

Índice para catálogo sistemático:
1. Amor

1ª edição, 2024

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS – 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5435-8

Prefácio

É um prazer pessoal e teológico poder apresentar este trabalho de Maicon André Malacarne, a quem tive o prazer de acompanhar na elaboração de sua dissertação de mestrado, em nossa Academia Alfonsiana, aqui em Roma. Foi um prazer tanto pelo tema escolhido quanto por sua abordagem ao estudo. O tema escolhido e seu ponto de partida são altamente significativos, profundamente epocais e duplamente importantes para um estudo de teologia moral interdisciplinar, que busca fontes de inspiração e realização em lugares teológicos como a existência de pessoas e suas obras, neste caso, literárias. Maicon abordou seu estudo com profundidade investigativa, com expectativa especulativa e, acima de tudo, com a simples convicção de que sua contribuição poderia ser significativa para a teologia moral.

Dito isso, gostaria de compartilhar três aspectos significativos: a autora escolhida; a modalidade e a contribuição deste trabalho; e, finalmente, a razão pela qual a teologia moral é enriquecida ao confrontar essas questões a partir dessas perspectivas.

Etty Hillesum (1914-1943), uma mulher, uma autora, que oferece uma amostra de como do caos, da convulsão, a vida pode florescer, como um caminho, aprendizado e expressão diversificada. Nossa autora teve um histórico familiar bastante convulsionado e desestabilizador, uma vida desenvolvida com essas marcas, vivendo e enfrentando contextos socioculturais ameaçadores e caóticos. Em meio a toda essa escuridão, um

espaço de luz se abrirá, uma possibilidade de mudança, de certa harmonização, de superação. O encontro com Julius Spier (1887-1942), psiquiatra e discípulo de Jung, deu a ela a possibilidade real de nascer de novo: o antigo não desaparecia, mas podia ser reconfigurado com suficiente plausibilidade de saúde integral; ele foi seu professor, companheiro, amante – de certa forma –, porta e janela para a vida. Nesse contexto, a experiência da vida e a de Deus na vida se entrelaçam, gerando admiração. Aquilo que, em meio a tantas angústias e dificuldades, lhe dava a certeza de ser amada, valorizada, e de poder oferecer ajuda ao próprio Deus, sendo ela mesma – a partir de sua pequenez – significativa para seu entorno, uma pequena luz brilhando na confusão e na desilusão, uma pequena flor – um jasmim – florescendo e espalhando perfume.

Etty Hillesum, uma mulher, uma autora, uma testemunha que nos faz sintonizar com a vulnerabilidade que encontra caminhos de força e expressões que seduzem, serenam e nos apaixonam. Ela se apresenta a nós como um caminho de vida diante das atrocidades do mal, como um caminho de amor diante da rejeição e dos maus-tratos, um caminho de paz diante do caos. Ela oferece uma chave para enxergar alternativas não convencionais de criatividade, para compreender que a desordem é uma ordem que nem todos estão dispostos a entender.

Etty Hillesum, uma mulher, uma autora, uma testemunha, uma amante. Amante da música, da leitura, da poesia, do estudo, de experiências amorosas variadas e complicadas, de buscas inquietas. Uma amante do transcendente, uma amante da vida e do Deus da vida. Uma amante da vida, mesmo que, às vezes, fosse um pouco descuidada e talvez até "tola", mas que sabia como avançar e valorizá-la passo a passo, como quando deixou de fumar (fumava muito, todos os dias) para não ser escrava desse elemento devastador. Ela amava a amizade, graças à qual seus escritos chegaram até nós, depois que ela e grande parte de sua família foram levadas no transporte da morte para o holocausto final, junto a tantos adultos e tantas crianças.

Em um último cartão-postal, ela escreveu uma pergunta e um convite: "Vocês vão esperar por mim, não vão?". Hoje, podemos dizer que sim, esperamos por você, para conhecê-la, para lê-la e para sintonizar sua vida e sua mensagem, para aprender com a história e para superar tudo o que, de todas as formas possíveis, quer nos proibir de amar com liberdade e dignidade.

É essa vida de Etty, refletida em grande parte em seu Diário, escrito entre 1941 e 1943, que serviu de motivação e inspiração para que o trabalho atual de Maicon se projetasse em questões morais que incluem o desafio de como viver o amor e a sexualidade de forma integral.

O amor e a sexualidade, vistos a partir de Etty e de sua experiência de um erotismo peculiar, de sua experiência de vida interior, dão uma exemplaridade única, não convencional, mas que Maicon apresenta com simplicidade e maestria, oferecendo os melhores exemplos, os textos mais claros e, sobretudo, uma síntese precisa, que ajudam a compreender não só o que ela viveu, mas como essa vida é um exemplo de integração narrativa de uma vida moral que vale a pena considerar com toda a seriedade do caso.

Na estrutura atual, temos onze capítulos, além de uma introdução geral e uma conclusão, e uma referência bibliográfica muito rica e pertinente. Nesses capítulos, Maicon entrelaça a experiência e os textos de Etty com muitas outras contribuições oportunas, que ajudam a avançar na descrição e no esclarecimento de alguns temas relacionados à compreensão integral do amor e da sexualidade. Nesse sentido, sem querer esquematizar um texto que corre bem em forma de narrativa, parece-nos que os cinco primeiros capítulos poderiam ser entendidos de forma interconectada, narrando o avanço de uma compreensão que parte da existência até chegar à consciência. O sexto capítulo viria a desempenhar o papel de um centro configurador e de uma passagem, no sentido de que, ao confrontar a contemplação como "higiene mental", permite-nos conhecer não apenas uma forma ou método

que Etty tinha, mas também uma chave a partir da qual podemos não somente compreender alguns componentes de uma consciência boa e saudável, mas também enfrentar os desafios que uma visão integral do *eros* e do amor implica na configuração da sexualidade humana. Dessa forma, os cinco capítulos seguintes também podem ser lidos de forma inter-relacionada, descobrindo neles os componentes necessários para uma compreensão saudável e integral da sexualidade, a partir de uma perspectiva moral, de acordo com o papa Francisco e o melhor da moralidade renovada.

Estas páginas nos permitem ver como é possível entender a sexualidade como uma configuração integral, e não apenas como uma mera dimensão ou aspecto, além do fato de que, na experiência da sexualidade, intervêm, de forma integral e inter-relacional, o prazer, a busca da felicidade, a corporalidade, o *eros* e o amor, todos eles elementos que compõem uma grande sinfonia polifônica, na qual não pode faltar nenhum, e que mutuamente fazem o ser humano dançar e cantar, buscando ser e estar da forma mais harmoniosa possível no coração da realidade pessoal e epocal que tem de viver.

Estas páginas, em sua simplicidade, nos ajudam a ver como a jornada existencial de Etty pode ser um caminho facilitador para uma experiência de aprendizado em direção a uma vivência integral da sexualidade. Dos sentimentos que surgem, confusos e tímidos, passando por esquemas que culpam e distorcem, até chegar a convicções mais saudáveis, integradoras e livres. Chegamos a descobrir a sexualidade *eros-amorosa* como fonte de vida, poderosa, respeitosa dos sentimentos próprios e alheios, em que a carne se expressa como corpo, e isso como pessoa amorosa, que sente e deseja, buscando expressar melhor a felicidade de viver e querendo viver tudo isso de forma mais serena e livre.

A teologia moral, ao lidar com a sexualidade, fez grandes progressos, pelo menos se considerarmos algumas contribuições desde o Vaticano II. Basta lembrar o grande moralista redentorista Bernhard Häring (1912-1998), que, em

seu tempo, já falava da sexualidade como linguagem, dentro da dinâmica de uma resposta integral de amor, como a verdade que é livre e liberta de toda obsessão e opressão. A verdade do amor sexual, sem dúvida, tem muito a dizer sobre ser livre e fiel em Cristo, que é a base de toda a moralidade cristã. Uma moralidade que não se coloca em um estado de "defesa" ou "demonização", mas como uma moralidade de aliança, portanto, de relacionalidade, de relacionamento entre os seres humanos e com o próprio Deus. Em todo esse mundo relacional, a sexualidade intervém, porque a corporeidade intervém. Corpos que falam e se expressam por meio da sexualidade, com sua linguagem, que, embora às vezes possa ser distorcida, confusa ou falsificada – como mostra a própria experiência de Etty –, não diminui o fato de ser uma linguagem privilegiada – criada e usada pelo mesmo Deus da revelação – para comunicar a verdade que liberta, ou seja, o amor encarnado como fonte e caminho da felicidade. Assim, precisamos de uma teologia moral que continue a assumir a corporeidade como um lugar de revelação, de comunicação, a partir de visões mais integrais e relacionais, que assuma as feridas e as vulnerabilidades como possibilidades de emergência, em direção a melhores formas de viver uma sexualidade que não seja ideal, mas real, sempre a caminho, como os espinhos e as rosas, não um sem o outro, florescendo sem complexos, mas em meio às complexidades da existência.

Somos da opinião de que a presente obra de Maicon é uma contribuição nesse sentido e esperamos que sua leitura ajude a nos entusiasmar a realizar uma teologia moral que dialogue com esses lugares existenciais e teológicos – como é o de Etty –, para produzir frutos para a vida do mundo, na caridade. Terminamos este prefácio deixando que algumas das palavras de Etty nos sirvam de inspiração para seguirmos esses caminhos:

> Vida e morte, sofrimento e alegria, as bolhas em meus pés despedaçados e o jasmim atrás de minha casa, a perseguição, as incontáveis crueldades sem sentido [...]. Eu gostaria de viver

muito tempo para finalmente poder explicar isso algum dia. E se isso não puder acontecer, bem, então outra pessoa o fará, outra pessoa continuará vivendo minha vida de onde a minha foi interrompida.[1]

Prof. Antonio Gerardo Fidalgo, C.Ss.R.
Roma, 28 de outubro de 2023

[1] *Diario de Etty Hillesum*: una vida conmocionada. Barcelona: Antrhopos, 2007. p. 117.

Introdução

Na casa de Etty Hillesum estava o mundo! Ainda mais, na sua escrivaninha, onde começou escrever o Diário, fazia a experiência de "ser" e de "estar" em comunhão com todos os sofrimentos do seu tempo. O lugar mais bonito da vida é onde a gente consegue "ser" e "estar". Porque "ser" e "estar" é viver a vida com tudo que a vida é. Kafka, nos *Aforismas de Zürau*, dizia: "Você não precisa sair de casa". Trata-se de um percurso espiritual para uma vida inteira: aprender a "ser" e "estar" em casa.

O campo de concentração também foi a casa de Etty. A casa de "ser" e de "estar" no vazio, na sepultura do mundo. Continua o aforisma de Kafka: "Fique em sua mesa e ouça". Etty, nas estradas de dentro da sua casa e nas encruzilhadas cercadas do campo de concentração, fez o exercício de ouvir aquilo que é mais difícil: seu mundo interior, desregrado, desmedido, sem muita linearidade. Acolheu os seus gritos para conseguir consolar o mundo!

Esta reflexão, fruto da tese de mestrado em Teologia Moral na Academia Alfonsiana – Pontifício Instituto Superior de Teologia Moral –, busca apresentar o programa de vida testemunhado por Etty Hillesum, jovem holandesa de tradição judaica morta no campo de concentração de Auschwitz aos 29 anos. O objeto de pesquisa será o seu Diário, escrito de 1941 a 1943, que traduz o percurso moral e espiritual a partir da relação estabelecida com Julius Spier, terapeuta e amigo com quem viveu uma profunda paixão.

O foco principal será observar e aprofundar como o amor e a sexualidade abriram para Etty um modo de vida que a ajudou a integrar-se e integrar o mundo de tragédias em que vivia, em uma curiosa abertura ao outro, traduzida na descoberta da escrita, da literatura, da fé, que passou pela Sagrada Escritura, da reconciliação, da luta contra a cultura do ódio, e que, não obstante, sugere uma moral sexual integrada e integral em vista da felicidade humana.

O amor erótico será tratado não com o tabu ou o pudor que geralmente o envolvem, mas conforme a definição dada pelo papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*: "manifestação especificamente humana da sexualidade".[1] Nesse sentido, envolvido pela corporeidade, pelos gestos, pelas carícias, pelos desejos e outros sinais tipicamente humanos.

O primeiro movimento é entrar no Diário de Etty Hillesum e compreender a relação com Julius Spier, marcada por aproximações e distanciamento, sem linearidade, e que, em alguns momentos, parece bastante confusa e incompreensível. O contato entre eles exerceu uma grande força de atração e, mais tarde, traduziu-se em paixão e amizade.

A forma como Etty acolheu e amou Spier é um mapa para compreender também como Etty acolheu e amou a realidade que estava posta ao seu redor. Esse percurso pode ser acessado a partir do que chamou de "mundo interior". De fato, a maturidade dessa jovem holandesa se deu a partir da descoberta, passo a passo, de quem ela era, superando as dicotomias corpo-alma-espírito e integrando interioridade e exterioridade. A forma como Etty fala de interioridade não é intimista, porque está sempre conectada com a realidade. A Bíblia, a poesia e a literatura são alguns dos fundamentos desse discernimento.

A dimensão erótica ajudou Etty a organizar e unificar seu comportamento moral. Da paixão por Spier, um novo

[1] FRANCISCO. *Amoris Laetitia* [=AL]. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família (19 mar. 2016). *AAS*, v. 108, n. 4, p. 311-446, 2016. n. 151.

modo de ser vai sendo construído. O erótico e a moral são aproximados a partir de categorias como a beleza, mas, sobretudo, dentro de uma perspectiva de integralidade das relações em torno de Etty.

O discernimento e a consciência de Etty, do que ela mesma registrou no Diário como passagem do "devo fazer" para o "devo ser", foram marcados por três características fundamentais: a contemplação, o deslumbramento e a alegria. São categorias que estão profundamente amarradas entre si e manifestam um mesmo estilo de vida.

A contemplação é chamada de "higiene mental" e revela a unidade entre a interioridade e a exterioridade. Fica evidente que se trata de um equilíbrio diário que exige tempo, método e esforço para "organizar a tralha". Era na meditação que Etty conseguia tomar consciência dos polos "luta e descanso", que estão misturados em cada pessoa.

O deslumbramento é traduzido pelo Diário com a repetida expressão: "a vida é bela". É difícil imaginar que, do meio de um contexto de perseguição e terror nazista, possa se dar ênfase à beleza da vida. Para Etty, em tudo se poderia buscar uma brecha de luz. É daqui que se manifesta a compaixão registrada com os sofredores. O voluntariado, as horas e horas conversando com prisioneiros no campo de concentração traduzem um esforço de amar e fazer o bem, apesar de tudo.

A alegria, por si só, é uma profecia que Etty testemunhou ao mundo. Pela alegria, libertou-se de todos os aprisionamentos que sua breve vida sofreu. Também através da alegria, registrada inúmeras vezes no Diário, colocou-se fortemente contra toda e qualquer "migalha de ódio" e impulsos de vingança, até os últimos momentos da sua vida.

Etty, a partir da sua experiência de vida, pode oferecer um programa para aprofundar o significado da sexualidade. O ponto de partida é a pessoa com todas as suas contradições e trajetórias particulares. Nesse sentido, é difícil pensar uma moral sexual que considera apenas as normas e as leis morais exteriores.

A sexualidade é um todo complexo, um modo de ser no mundo, influenciado por contextos diversos. Não se trata apenas de uma dimensão. A sexualidade está em tudo, também no difícil movimento de interioridade e exterioridade marcado por Etty, que supera um sofisticado e arraigado dualismo – corpo e alma.

A negação da sexualidade e, especificamente, do erótico é uma constante do nosso tempo. Com a ajuda de alguns autores, verificaremos como a cultura pornográfica e autoerótica trabalha na contramão da maturidade sexual ao sugerir a negação da relação, a profanação do outro e o prazer pessoal e egocêntrico a todo custo, que significa também reduzir a sexualidade ao ato sexual.

Por fim, o percurso de Etty sugere a expansão da vida na direção da felicidade. Também por dentro da sexualidade é preciso superar a "ditadura do presente" em vista da maturidade do amor. Para Etty, a eternidade é um êxtase permanente pela vida, o esforço por encontrar sempre uma luz, que atravessa também a consciência da morte: "Estou pronta para tudo, para cada lugar deste mundo para onde Deus me enviar, e estou pronta a testemunhar sob qualquer circunstância e até à morte que esta vida é bela e prenhe de sentido".[2]

[2] HILLESUM, E. *Diário*: 1941-1943. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020[3]. p. 241-242.

Capítulo I

Entre a estranheza e a hospitalidade

As primeiras páginas do Diário de Etty Hillesum,[1] em março de 1941, guardam seus primeiros contatos com Julius Spier, um "judeu berlinense que emigrou para Amsterdã dois anos antes. Antigo gestor bancário, afastou-se do mundo das finanças para se dedicar à psicoquirologia,[2] a conselho de Carl Gustav Jung".[3] Etty contava 27 anos, e Julius, 54.[4]

---

[1] "Era a mais velha dos três filhos do casal judeu urbano, sem especial vinculação religiosa: Louis Hillesum, professor de línguas clássicas, e Rebecca Hillesum-Bernstein, emigrante russa (na verdade, foragida a um *pogrom*). Dos irmãos, Jaap destacou-se como investigador no campo das ciências médicas, e Mischa, o mais novo, embora atormentado por crises psicológicas devastantes, vem afirmar-se como um dos pianistas de referência na Holanda desse tempo. Etty dir-se-ia de outra espécie. Ela cunhou uma expressão para escrever o seu estado: 'bloqueio espiritual'. A sua vida escondia-se por detrás de um enigma contra o qual ela lutava, mas de forma errática e imprecisa [...]. Nesse domingo de março, em que principia a sua narrativa, ela vive no número 6 da rua Gabriel Metsu, já independente dos seus pais, mas no mesmo fervilhar hesitante entre possibilidades: é governanta da casa de Han Wegerif ('pai Han' no Diário), um contabilista aposentado, viúvo, com quem manteve uma relação sentimental. [...] Etty era imprecisa, sensual, dispersa: e é isso que ela vai trabalhar, a altíssimas temperaturas, até tudo se tornar corpo, para depois se tornar chama", *Ibid*., p. 11-13.

[2] "[...] Uma diagnose psicológica que parte da leitura da morfologia da mão (que ele considera o segundo rosto)". *Ibid*., p. 14.

[3] Cf. GERMAIN, S. *Etty Hillesum*: una coscienza ispirata. Roma: Lavoro, 2000. p. 30-31. (Sempre nossa tradução.)

[4] Cf. HILLESUM, *Diário*, p. 60.